



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JACIELLY DE BULHÕES ALVES

**IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO (TIC) NO ENSINO DE GEOGRAFIA: uma
análise comparativa entre escolas da rede pública e
privada do ensino fundamental de Guarabira-PB**

GUARABIRA/PB

2017

JACIELLY DE BULHÕES ALVES

**IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO (TIC) NO ENSINO DE GEOGRAFIA: uma
análise comparativa entre escolas da rede pública e
privada do ensino fundamental de Guarabira-PB**

Monografia apresentada a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia, sob orientação da Prof^a Dr^a Taises Araújo da Silva Alves.

GUARABIRA/PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474i Alves, Jacielly de Bulhões.
Impactos das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no ensino de Geografia: [manuscrito] : uma análise comparativa entre escolas da rede pública e privada do ensino fundamental de Guarabira-PB / Jacielly de Bulhoes Alves. - 2017.

36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Taises Araújo da Silva Alves, Departamento de Educação - CH."

1. Ensino de Geografia. 2. Tecnologias de Informação e Comunicação. 3. Escolas públicas e privadas.

21. ed. CDD 372.3

JACIELLY DE BULHÕES ALVES

**IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO (TIC) NO ENSINO DE GEOGRAFIA: uma
análise comparativa entre escolas da rede pública e
privada do ensino fundamental de Guarabira-PB**

Monografia apresentada a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia, sob orientação da Profª Drª Taisés Araújo da Silva Alves..

Monografia apresentada em 04 / 12 / 2017

BANCA EXAMINADORA:

Taisés Araújo da Silva Alves

Prof. Dra. Taisés Araújo da Silva Alves (Orientadora)
Dra em Ciências da Educação/UEPB

Márcia Gomes dos Santos Silva

Profª Márcia Gomes dos Santos Silva
Me. em Ciências da Educação/UEPB

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Me. em Educação/UEPB

GUARABIRA/PB

2017

DEDICATÓRIA

A minha família, em particular aos meus pais e ao meu noivo, cujo amor, empenho e apoio foram decisivos na minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero agradecer a Deus por ter me concedido discernimento e perseverança para chegar aonde cheguei.

Quero agradecer a minha família, em especial aos meus pais que caminharam junto a mim e que me proporcionaram uma boa educação, amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu noivo Marcio Pereira, que foi meu maior incentivador durante todo o curso, que me deu confiança e motivação para seguir...

A professora e orientadora Dra. Taises Araújo, braço amigo de todas as etapas desse trabalho.

Aos professores e colegas de curso, pois juntos trilhamos uma etapa importante de nossas vidas. Em especial ao meu amigo Daniel Fernandes pelo seu companheirismo, carinho e amizade, este que sempre esteve ao meu lado nos momentos tristes, alegres, nas frustrações e na cumplicidade do dia-a-dia.

LISTA DE SIGLAS e ABREVIATURAS

ABNT – Agência Brasileira de Normas e Técnicas

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CENSL- Centro Educacional Nossa Senhora da Luz

TIC- Tecnologia da Informação e Comunicação

PMG – Prefeitura Municipal de Guarabira

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

PPP- Projeto Político-Pedagógico

RESUMO

A evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) tem transformado profundamente a sociedade em todas as suas dimensões, inclusive a educação. Diante deste cenário repleto de possibilidades, conexões e ampliação do potencial humano, traz também profundas transformações e conseqüentemente, novos desafios. A Era da informação está dando lugar a Era da inovação e é diante deste novo panorama que esta pesquisa se propõe a analisar os impactos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no ensino de geografia em escolas do setor público e privado do município de Guarabira-PB. Para tal, reflete sobre os impactos das mudanças causadas pela ampliação dos recursos tecnológicos na educação; apresenta o cotidiano do uso dos recursos tecnológicos no ensino de geografia nas escolas investigadas e compara a realidade do uso das TIC em escolas do setor privado e do setor público no processo de ensino –aprendizagem. Os fundamentos teóricos partem das contribuições dos estudos dos seguintes autores: Marta Gabriel; Pierre Levi , Manuel Castells , Edgar Morin; Charles Higounet; Hugo Assmann; Edvania Correia, dentre outros. Trata-se de uma pesquisa Qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada através de Estudo de Caso, junto a duas escolas, sendo uma do setor público e outra do setor privado, através de questionário. Os resultados enfatizam as mudanças causadas pela disseminação e penetração das tecnologias digitais na sociedade, em especial no ambiente escolar. Descobrimos, a partir desta pesquisa, que a educação digital focada no desenvolvimento crítico passa a ser fundamental na formação e motivação dos jovens no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Tecnologias de Informação e Comunicação. Escolas públicas e privadas.

ABSTRACT

The evolution of Information and Communication Technologies (ICT) has profoundly transformed society in all its dimensions, including education. Faced with this scenario full of possibilities, connections and expansion of human potential, it also brings profound transformations and, consequently, new challenges. The Information Age is giving way to the era of innovation and it is in the face of this new panorama that this research proposes to analyze the impacts of Information and Communication Technologies (ICT) on geography teaching in schools of the public and private sector of the municipality of Guarabira -PB. To do so, it reflects on the impacts of the changes caused by the expansion of technological resources in education; presents the daily use of technological resources in the teaching of geography in the schools investigated and compares the reality of the use of ICT in schools of the private sector and the public sector in the teaching-learning process. The theoretical foundations are based on the contributions of the following authors: Marta Gabriel; Pierre Levi, Manuel Castells, Edgar Morin; Charles Higounet; Hugo Assmann; Edvania Correia, among others. This is a qualitative research, exploratory and descriptive, carried out through a Case Study, together with two schools, one from the public sector and another from the private sector, through a questionnaire. The results emphasize the changes caused by the dissemination and penetration of digital technologies in society, especially in the school environment. From this research, we have discovered that digital education focused on critical development is fundamental in the formation and motivation of young people in the teaching-learning process.

Keywords: Geography Teaching. Information and Communication Technologies. Public and private schools.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1	A REVOLUÇÃO DIGITAL	15
2.2	SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO	18
2.3	EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL	21
2.4	O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ÂMBITO DIGITAL	24
3.	METODOLOGIA	27
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

Durante todo o processo evolutivo passamos por grandes mudanças. Estas têm sido constantes em nossa existência, ao passo que a cada dia surgem novas necessidades e, por consequência, novas formas de supri-las através das invenções e novas conquistas.

Nos últimos trinta anos, temos assistido a velocidade crescente e desenfreada com que o cenário tecnológico e social tem se modificado. Em aproximadamente dez anos, presenciamos a internet se transformar em nossa principal plataforma de comunicação. E esse novo ambiente tecnológico trouxe com si algumas possibilidades, dentre as quais: conexões e ampliação do potencial humano. Isso acarretou profundas mudanças em nossa sociedade e consequentemente novos desafios.

Estamos vivenciando a era digital, que é diferente de qualquer outra evolução do passado, pois ela traz consigo a aceleração na velocidade das informações, em um ritmo tão vertiginoso que modifica e acentua assim transformações no ambiente em que vivemos. Um dos principais afetados nesse processo será a educação, pois conforme Ray Kurzweil: “no século XXI não teremos 100 anos de progresso, mas 20 mil, por conta do crescimento exponencial”.

Esse novo cenário com o qual estamos lidando transforma a web no cérebro global conectado, onipresente, onisciente e onipotente. Mas o que realmente importa em uma evolução não é a tecnologia em si, mas o que fazemos com ela e como ela pode melhorar nossas vidas.

O sistema educacional tradicional baseado numa relação vertical entre o educador e o educando parece estar com os dias contados, em meio à penetração das tecnologias digitais no cotidiano das pessoas. As necessidades educacionais decorrentes desse novo contexto emergente têm se tornado diferente há pelo menos duas décadas, em que as exigências, experiências e expectativas dos jovens perante a um professor e perante a escola tradicional se modificaram.

A colaboração homem-computador tem ampliado consideravelmente as tecnologias intelectuais de forma inédita na história da humanidade. Porém, toda nova tecnologia é tanto uma benção como um fardo, e o surgimento de novas

possibilidades com a introdução das tecnologias e plataformas digitais é inegável. No entanto, estas são apenas novas ferramentas à disposição do homem, a quem cabe a imutável função de explorar novas possibilidades e os limites de novos meios.

Nas palavras de Christopher Freeman:

Um paradigma econômico e tecnológico é um agrupamento de inovações técnicas, organizacionais e administrativas inter-relacionadas cujas vantagens devem ser descobertas não apenas em uma nova gama de produtos e sistemas, mas também e sobretudo na dinâmica da estrutura dos custos relativos de todos os possíveis insumos para a produção. Em cada novo paradigma, um insumo específico ou conjunto de insumos pode ser descritos como o “fator-chave” desse paradigma caracterizado pela queda dos custos relativos e pela disponibilidade universal. As mudanças contemporâneas de paradigma podem ser vistas como uma transferência de uma tecnologia baseada principalmente em insumos baratos de energia para uma outra que se baseia predominantemente em insumos baratos de informação derivados do avanço da tecnologia em microeletrônica e telecomunicações. (FREEMAN, 1988, p.10).

Esta linha de raciocínio pode ser aplicada também à educação, já que ela pode tanto auxiliar como atrapalhar o processo de aprendizagem. A mera presença de instrumentos não significa nada, mas o seu uso apropriado sim faz uma grande diferença. Nesse contexto, Martha Gabriel traz um exemplo sucinto de realidade do uso das mídias no cotidiano de alguns estudantes:

O fato de uma escola ou universidade possuir laboratórios não torna a educação melhor ou pior, o que vai determinara qualidade da educação é como esse laboratório é usado por alunos e professores. Na mesma linha de raciocínio, o fato dos estudantes terem tablets e acessarem a internet durante as aulas pode tanto ser positivo quanto negativo dependendo do tipo e do objetivo de acesso à internet e de sua relação com os conteúdos educacionais da aula. (GABRIEL, 2013, p.12).

Durante o estudo para a elaboração deste trabalho indagações foram surgindo neste sentido, a saber: a) Como deve ser a educação na era digital? b) Que desafios ela traz? c) Que oportunidades o uso dessas tecnologias pode trazer? Enfim, a questão problema que norteou nosso estudo foi: Quais os impactos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no ensino de geografia em escolas do setor público e privado do município de Guarabira-PB.

A Era da informação está dando lugar a Era da inovação e é diante deste novo panorama que esta pesquisa se propõe a analisar os impactos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no ensino de geografia em

escolas do setor público e privado do município de Guarabira-PB. Para tal, reflete sobre os impactos das mudanças causadas pela ampliação dos recursos tecnológicos na educação; apresenta o cotidiano do uso dos recursos tecnológicos no ensino de geografia nas escolas investigadas e compara a realidade do uso dos TIC em escolas do setor privado e do setor público no processo de ensino –aprendizagem.

Os fundamentos teóricos partem das contribuições dos estudos dos seguintes autores: Marta Gabriel; Pierre Levi, Manuel Castells, Edgar Morin; Charles Higounet; Hugo Assmann; Edvania Correia, dentre outros.

Trata-se de uma pesquisa Qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada através de Estudo de Caso, junto a duas escolas, sendo uma do setor público e outra do setor privado, através de questionário aplicado junto aos alunos do 9º ano do o Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho e do Colégio da Luz (CENSL).

O presente estudo, além desta introdução, apresenta a Revisão da Literatura, onde discutimos as temáticas da Revolução Digital, Sociedade da Informação, Educação na Era Digital e do o Ensino de Geografia no Âmbito Digital. Dando continuidade apresentamos o percurso metodológico, a apresentação e discussão dos resultados, as considerações finais e as referências.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O presente trabalho foi elaborado com base em várias obras, dentre as quais podemos citar os seguintes pesquisadores: Marta Gabriel (2013), Pierre Levi (1997), Manuel Castells (1996), Edgar Morin (2013). Porém, outros autores também foram de grande relevância para a elaboração desta pesquisa. Os trabalhos a cima citados servirão para conduzir e de mesmo modo sustentar o engajamento e a elucidação deste trabalho.

2.1 A REVOLUÇÃO DIGITAL

Tudo começou com a descoberta do fogo. Em seguida obtivemos a roda, as maquinas a vapor, a chegada do homem à lua, o telefone etc. Toda essa evolução da tecnologia visa aprimorar algo e tornar a vida em sociedade mais simples. Mas nada na vida é neutro. Principalmente quando falamos em tecnologia, já que de alguma maneira ela nos afeta. Seja de forma benéfica ou não. Por isso, devemos ficar atentos de que forma elas emergem em nossas vidas. Segundo Martha Gabriel:

As tecnologias nos afetam e guiam nossa percepção e o modo como agimos no mundo. Friedrich Neetzshen costumava dizer que a maquina de escrever influenciou profundamente seu modo de pensar e escrever; Einstein dizia que seu lápis fazia cálculos mais rápidos que sua mente; Marchal Meluhom também refletiu sobre o impacto das tecnologias no ser humano, afirmando que 'nos moldamos as nossas ferramentas, e depois nossas ferramentas nos remoldam (GABRIEL, Martha.2013, p.10).

As tecnologias produzidas ao longo da historia da humanidade foram inúmeras, e todas contribuíram para o processo de educação que se apresenta atualmente. No entanto, podemos dizer que dentre esse processo evolutivo tivemos três fases tecnológicas importantes que marcaram as eras educacionais: a fala (linguagem oral), o livro (linguagem escrita) e a internet (tecnologias digitais).

A linguagem oral foi a primeira tecnologia educacional a ser instaurada. Os antigos gregos educavam por meio da fala. O filosofo Sócrates tinha pequenos

grupos de alunos que prosseguiram com ele até se transformarem em cidadãos a serem apresentados à sociedade. Esse sistema de educação era baseado na antiga Paideia grega, em que era totalmente centrado no aluno, em seu desenvolvimento individual, e não na média do grupo. A interação entre mestre e aluno era essencial para a construção conjunta da aula. Sobre o conceito de Paideia, Jaeger afirma que:

O conceito que originariamente designava apenas o processo da educação como tal, estendeu ao aspecto objetivo e de conteúdo a esfera do seu significado, exatamente como a palavra alemã *Bildung* (formação) ou a equivalente latina *cultura*, do processo da formação passaram a designar o ser formado e o próprio conteúdo da cultura, e por fim abarcaram, na totalidade, o mundo da cultura espiritual: o mundo em que nasce o homem individual, pelo simples fato de pertencer ao seu povo ou a um círculo social determinado. A construção histórica deste mundo atinge o seu apogeu no momento em que se chega à ideia consciente da educação. Torna-se assim claro e natural o fato de os Gregos, a partir do século IV, quando este conceito encontrou a sua cristalização definitiva, terem dado o nome de *Paidéia* a todas as formas e criações espirituais e ao tesouro completo da sua tradição... (JAEGER, 1986, p.245, 246).

A Paideia era o trilho que conduzia a educação na Grécia clássica e era o ideal que os gregos cultivavam do mundo para si e para sua juventude, mas também pode ser considerada como um legado de uma geração para outra na sociedade.

A linguagem oral continua ocupando um papel importante na educação atual, mas não o único e nem o central. A escrita foi inventada a cerca de 5.500 anos. Os primeiros registros foram encontrados na Mesopotâmia e eram formados por ideogramas que representavam uma palavra. Logo em seguida, a escrita evoluiu chegando ao primeiro alfabeto. Surgido em Biblos, o alfabeto fenício arcaico deu origem a todos os alfabetos atuais. Esta disseminação ocorreu, principalmente, por causa da prensa mecânica móvel de Gutemberg, que com isso lançou as bases da expansão da aprendizagem em massa, tendo o livro como principal protagonista deste feito. A propagação do livro trouxe com siglo a facilidade da leitura silenciosa e individualizada, transformando assim a educação da época e com isso revolucionando o mundo, conforme Pierre Levy:

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual se tornava possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que se encontravam a milhares de

quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais (LÉVY, 2000, p. 114).

Assim, na evolução humana, a utilização dos registros impressos, sejam os pictogramas rupestres, sejam os primeiros símbolos literais dos fonemas, tornaram-se indispensáveis às relações sócio-econômico-culturais. Charles Higounet observa uma relação inseparável no triângulo história-escrita-homem:

A escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. (...) Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET, 2003, p.53).

A educação baseada no livro tem sido o padrão adotado nos últimos séculos e se estende até os dias atuais, utilizada principalmente na sala de aula, em um lugar separado do mundo real, em que o foco principal é no professor, e que os alunos são agrupados por idades e médias de desenvolvimento e a interatividade entre aluno e professor diminui sensivelmente. Mas esta realidade está mudando. A internet está lançando as bases para uma nova revolução na educação no século XXI.

Foi a partir do fim do século XX, com a ascensão da banda larga, que a internet se popularizou. Com o início do século XXI, gradualmente o modelo maiêutico de educação se reestabelece naturalmente. Independente de onde as pessoas estão fisicamente, a internet permite que elas estejam em qualquer lugar por meio da conexão. Dessa maneira, mesmo que estejam inseridos em uma sala de aula na escola os estudantes podem ao mesmo tempo estar inseridos no mundo virtual, quer o professor perceba ou não.

As novas tecnologias da informação e da comunicação já não são meros instrumentos no sentido técnico tradicional, mas feixes de propriedades ativas. É algo tecnologicamente novo e diferente. As tecnologias tradicionais serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos (braço, visão, movimento, etc.). As novas tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas. (ASSMANN, 2005, p.18).

Devemos reconhecer que a banda larga de internet se transformou em nossa base da sociedade em rede, já que ela nos possibilitou a mudança de “estar conectados” para “ser conectados”. Anteriormente, as pessoas acessavam eventualmente a internet, como na época das conexões discadas à rede, na década de 1990. Hoje, a frequência dos acessos está tão presente em nosso dia a dia que podemos dizer que estamos em simbiose com ela. Mas isso só foi possível graças à redução do preço da banda larga de internet. Após isso, houve essa massificação de usuários na rede, que proporcionou para nós um crescente poder no cenário atual, permitindo assim nos expressarmos e com isso transformar o cenário de criação, publicação e distribuição de informações e conteúdos pelo mundo. Nesse contexto de instauração da internet, Castells afirma que “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.” (CASTELLS, 1996, p.43).

2.2 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Iniciada a partir da terceira revolução industrial, a sociedade da informação foi uma reorganização da expansão do capitalismo, e tem como ideia principal a tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Para Castells, (1996, p.21) “a geração, processamento e transmissão de informação torna-se a principal fonte de produtividade e poder”.

A ideia presente no conceito de sociedade da informação (SI) está intrinsecamente ligada a um processo de mudança constante, fruto dos avanços da ciência e da tecnologia. Esse processo pode ser comparado à inovação provocada pela imprensa que transformou a forma como aprendemos, através da disseminação da leitura e da escrita nos materiais impressos, o desencadear das tecnologias da informação e comunicação tornou possíveis novas formas de acesso e distribuição do conhecimento. Para Olson (2004, p.22) “uma nova realidade que exige dos indivíduos competências e habilidades para lidar com a informatização do saber que tornou muito mais acessíveis (...), mais horizontais e menos seletivos a produção e o acesso ao conhecimento”.

De acordo com Castells (1999), a transformação tecnológica deu início ao informacionalismo, reestabelecendo assim a base material desta nova sociedade,

em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos. Ainda de acordo com o autor, no informacionalismo, a inteligência virtual passa agora a assumir uma notoriedade em todos os âmbitos sociais, permitindo o entendimento da nova estrutura social, também denominada de “sociedade em rede” e como resultado desse processo uma nova economia em que a tecnologia da informação é considerada uma ferramenta indispensável na manipulação da informação e construção do conhecimento pelos indivíduos, pois Castells, (1999, p.21) ressalta que “a geração, processamento e transmissão de informação torna-se a principal fonte de produtividade e poder”.

Esta forma de poder acima citada pode ser percebida, sobretudo na produção econômica e na cultura material desta nova corrente da sociedade que, segundo Lojkine (1995) aponta três peculiaridades básicas: multifuncionalidade, flexibilidade e redes descentralizadas, opondo-se fortemente ao modelo industrial tradicional cujas características eram: a especialização, a padronização e a reprodução rígida.

Para Takahashi (2000, p.5), “a sociedade da informação não é um modismo. Representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma técnico-econômico”. De acordo com as palavras do autor, percebemos que esta nova geração pode ser encarada como um acontecimento mundial, em que presenciamos de forma inédita como esse fato pode atingir de forma direta as funções sociais e econômicas, em razão que suas organizações e dinâmicas são indiscutivelmente abaladas pelas infraestruturas das informações disponíveis. A questão em torno desse contexto nos permite observar de forma mais reflexiva e crítica ao salientar que além de deter um valor político econômico, apresenta também com bastante relevância poder social.

Estas características estão diretamente ligadas ao processo de democratização do saber, fazendo emergir novos espaços para a busca e o compartilhar de informações, apontado por Lévy (1996) como processo de “desterritorialização do presente”, visto que não há barreiras de acesso a bens de consumo, produtos e comunicação. O importante nesta sociedade não é a tecnologia em si, mas as possibilidades de interação que elas proporcionam através de uma cultura digital.

A colaboração homem-computador tem ampliado consideravelmente as tecnologias intelectuais de forma inédita na história da humanidade. Porém, toda nova tecnologia é tanto uma benção como um fardo, e o surgimento de novas possibilidades com a introdução das tecnologias e plataformas digitais é inegável. No entanto, estas são apenas novas ferramentas à disposição do homem, a quem cabe a imutável função de explorar novas possibilidades e os limites de novos meios.

Nas palavras de Christopher Freeman:

Um paradigma econômico e tecnológico é um agrupamento de inovações técnicas, organizacionais e administrativas inter-relacionadas cujas vantagens devem ser descobertas não apenas em uma nova gama de produtos e sistemas, mas também e sobretudo na dinâmica da estrutura dos custos relativos de todos os possíveis insumos para a produção. Em cada novo paradigma, um insumo específico ou conjunto de insumos pode ser descritos como o “fator-chave” desse paradigma caracterizado pela queda dos custos relativos e pela disponibilidade universal. As mudanças contemporâneas de paradigma podem ser vistas como uma transferência de uma tecnologia baseada principalmente em insumos baratos de energia para uma outra que se baseia predominantemente em insumos baratos de informação derivados do avanço da tecnologia em microeletrônica e telecomunicações. (FREEMAN, 1988, p.10).

Esta linha de raciocínio pode ser aplicada também à educação, já que ela pode tanto auxiliar como atrapalhar o processo de aprendizagem. A mera presença de instrumentos não significa nada, mas o seu uso apropriado sim faz uma grande diferença. Nesse contexto, Martha Gabriel traz um exemplo sucinto de realidade do uso das mídias no cotidiano de alguns estudantes:

O fato de uma escola ou universidade possuir laboratórios não torna a educação melhor ou pior, o que vai determinara qualidade da educação é como esse laboratório é usado por alunos e professores. Na mesma linha de raciocínio, o fato dos estudantes terem tablets e acessarem a internet durante as aulas pode tanto ser positivo quanto negativo dependendo do tipo e do objetivo de acesso à internet e de sua relação com os conteúdos educacionais da aula. (GABRIEL, 2013, p.12).

Isso corrobora com nossa visão, de que devemos ter responsabilidade ao inserir a tecnologia em sala de aula, uma vez que não basta que ela esteja presente, deve-se haver um porquê claro e objetivo de leva-la para o ambiente escolar.

2.3 EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL

O mundo está em constante transformação. E nossos alunos também. Estes já não são mais meros espectadores. Eles sentem necessidade de estar interligados, e isso é claramente perceptível. Já não fazem mais perguntas durante a aula. Preferem perguntar ao GOOGLE, a inteligência virtual. O que nos mostra que a instituição precisa estar apta a oferecer a esta nova geração a inclusão digital através de atividades que a leve a ser produtor e divulgador do conhecimento, pois, conforme Correia:

A aplicabilidade das TICs (Tecnologia da informação e comunicação) favorecerá o investimento no ambiente escolar, possibilitando a construção de projetos educativos que desenvolvam a autonomia dos alunos enquanto sujeitos de sua aprendizagem, bem como, favorecerá a interação entre alunos e professores na operacionalização de uma aula dinâmica e participativa, com o uso da escrita, da oralidade, do som e da imagem estática ou não. Substratos oferecidos pelas mídias que irão enriquecer o trabalho de professores e alunos no chão da escola (CORREIA, on-line).

As tecnologias vêm com a função de auxiliar e inovar a prática docente. Atribuir significado a essa prática é garantir a expansão da aula real em um momento virtual, unindo assim o presencial ao ensino à distância, transformando-a em algo mais prazeroso e criativo. O ambiente de aprendizagem, portanto, torna-se ainda mais rico e, ao mesmo tempo, mais complexo. Isso significa que pensar em modelos de educação adequados para esse contexto implica o desenvolvimento de projetos de conteúdo.

O professor necessita transpor a mera instrução conceitual/técnica e tornar-se mediador do fluxo incessante de informações e de novas tecnologias e, para isso, deve possuir algum conhecimento sobre o uso didático desses aparatos tecnológicos – a atualização deve ser constante e continua porque requer certa intimidade com as ferramentas. Não é suficiente uma formação que se esgota ao término do curso. É preciso ter uma formação técnica-profissional de qualidade (NUNES e RIVAS, 2009, P. 10)

Nesse sentido de nada adianta ter os mecanismos sem antes capacitar o sujeito para seu uso. O primeiro passo a ser dado deve ser a qualificação das pessoas. Capacitá-las e educá-las para este novo cenário, já que uma das

principais dificuldades enfrentadas atualmente é a carência de educação digital e pensamento estratégico em relação às mídias digitais. Mas para que isso aconteça, é necessário investimento, primeiramente na capacitação. Depois, a aplicação do capital deve ser voltada para a automatização e ferramentas que possibilitem o aumento da produtividade. Em outras palavras, não adianta investir em mecanismos antes de capacitar os sujeitos que farão uso dos meios tecnológicos. A tecnologia não é o diferencial, mas a forma como a utilizamos sim.

Nessa perspectiva, podemos perceber que infinitas tecnologias colaboraram para o desenvolvimento do ambiente tecno/socio/informacional em que nos encontramos hoje. Dentre eles, podemos ter como exemplo a fala, a escrita, o telégrafo, o aparelho de fax, o telefone, o automóvel, o satélite, o computador, a impressora, a internet, os celulares, aparelhos GPS entre outros. De alguma forma, cada um deles auxiliou para o desenvolvimento de nossa conexão atual.

Essa produção e distribuição de informações afeta diretamente a educação, pois, desde então não é apenas privilégio dos professores o domínio da informação/conteúdo ministrados em suas aulas. Esses assuntos passam a estar disponíveis para todos os alunos, de qualquer idade, em qualquer lugar, o tempo todo. Isso reorganiza totalmente o fluxo de conhecimento/informações válido até o início do século XXI, e coloca as instituições educacionais de cabeça para baixo, já que na era pré-digital o professor era “depositário” do conteúdo e os alunos seus receptores. De modo que quando a era digital foi tomando espaço, essa situação foi se modificando. Hoje os alunos têm acesso a todo o tipo de informação e não apenas aquelas trazidas anteriormente por seus professores.

Assim, a educação na era digital precisa focar muito menos na tecnologia em si e muito mais em desenvolver a capacidade crítica dos estudantes para que consigam discernir sobre o que essas tecnologias representam em nossas vidas, como nos afetam e como extrair conhecimento e inteligência do ambiente informacional por meio dessa tecnologia. De acordo com LEVY:

(...) uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus “impactos”, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os

projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazemos dela (LÉVY, 1997, p.26).

O processo que está acontecendo nas últimas décadas na camada digital aliada a estrutura física e tradicional da escola está abalando o modelo de educação tradicional que prevalecia há séculos. O modelo educacional não precisa mais de professores provedores de conteúdo, mas de professores interfaces para o mundo da informação. "O professor que antes funcionava como um filtro de conteúdos passa a ter um valor essencial como interface, para auxiliar a navegação no mar de informações." (GABRIEL, Martha, 2013, p.104).

Contudo, ingressamos no século XXI na "era da informação", porém com um modelo predominante de professores focados apenas em conteúdos e currículos, num processo imobilizado e estagnado. Entretanto, este comportamento deve ser dinâmico e de superação constante, precisando, portanto modificar-se. As atuais tecnologias de informação e comunicação ocasionam uma acelerada necessidade de superação constante do saber, de modo que devemos buscar novos meios de abertura e fluência do conhecimento para encontramos pontos de equilíbrio dinâmico, tanto para os alunos como também para professores.

Se observarmos o atual estado tecnológico das instituições de ensino brasileiras, temos diversos tipos de diferenças entre as públicas e as privadas. Além também de estarmos em estágios muito diferentes se comparamos nossas escolas a de alguns países estrangeiros. No entanto, o fator "tecnologia" em si não é definitivo para a educação na era digital, ele só é diferencial positivo se contar com a participação efetiva do professor e dos planos pedagógicos. O professor deve deixar de ser um informador para ser um formador, caso isto não ocorra, o uso da tecnologia terá apenas aparência de modernidade.

De acordo com Paulo Freire (1981, p.30), "o desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem se transformar a realidade se faz cada vez mais urgente". Por isso, acredito que, enquanto educadores, devemos instigar nossos alunos, para poder assim proporcionar um ambiente desafiador e criar com isso caminhos e possibilidades para que ele se desenvolva.

O mundo digital muda muito rapidamente, ao passo que na educação as escolas mudam pouco e lentamente. Acredito que esse seja o maior desafio que educadores e instituições de ensino têm enfrentado. O professor exerce um papel

essencial nesse novo mundo digital, não mais como "um provedor de conteúdos", mas funcionando como incentivador de reflexões para seus alunos nesse ambiente mais complexo. A era digital requer novas habilidades, tanto dos estudantes quanto dos professores e educadores.

2.4 O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ÂMBITO DIGITAL

A geografia quanto ciência, sempre foi muito complexa devido ao sua multifuncionalidade. Isso fez com que se abrisse um abrangente leque de informações, o qual compreende as diversas relações existentes no mundo. Dentre uma das suas primeiras funções, segundo LACOSTE, "(...) a geografia serve, em principio, para fazer a guerra". E continua o autor:

A geografia é, de início, um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de praticas politicas e militares e são tais práticas que exigem o conjunto articulado de informações extremamente variadas, (...), das quais não se pode compreender a razão de ser e a importância, se não se enquadra no bem fundamentado das abordagens do saber pelo saber. Tais práticas estratégicas que fazem com que a geografia se torne necessárias, ao chefe supremo, àqueles que são donos dos aparelhos dos Estados. (LACOSTE, 2012, p.23)

Mesmo diante da evolução do ensino, a geografia quanto disciplina escolar, sempre apresentou modos de ensinios bem característicos do método tradicionalista, em que o processo de aprendizado era memorativo, descritivo, enfim monótono. Mas este cenário está se modificando. A geografia está perdendo um pouco do seu tradicionalismo. Porém, são poucas as modificações, já que, mesmo inseridos na era da informação, alguns professores continuam excluídos das "Novas Tecnologias da Informação" e, conseqüentemente, de algumas formas do aprender e do ensinar.

O ensino de geografia foi introduzido no Brasil após a reforma Capanema este fato foi crucial para a inserção desse ensino no currículo oficial do país. A reforma Capanema foi responsável pelo ensino de geografia no Brasil, que passou a fazer parte do currículo oficial do ensino primário no país, a partir da Lei Orgânica do Ensino Primário e a Lei Orgânica do Ensino Normal, em 1946. De acordo com as propostas da escola nova, que tinha a função de promover o desenvolvimento geral do aluno, possibilitando adquirir conhecimentos que fossem úteis para a vida em sociedade. (MARQUES, 2008, p. 203).

Na sociedade contemporânea, os recursos para o ensino são inúmeros. Existem vários suportes tecnológicos que podem tornar a aula mais dinâmica e mais atraente aos olhos dos alunos, que hoje, “respiram” tecnologia. Para (LESANN, p.20,2009) “Os desafios globais e as novas tecnologias estão presentes nas vidas das pessoas, na consciência popular”. Porém quando chegamos a algumas instituições de ensino percebemos que a maior tecnologia utilizada pelos professores ainda é o livro didático.

O livro didático é um das mais antigas ferramentas utilizadas em sala de aula e seu uso é de suma importância para o professor e como cita Stefanello (2008, p.86) “[...] o livro didático é, sem dúvida, instrumento indispensável para o ensino, não como mero objetivo de levar informações ao aluno, mas por ser uma ferramenta no processo de construção do conhecimento”. Pode-se utilizar o livro didático não somente para a leitura, mas também para resumos, interpretação de textos, observação de imagens, fazer exercícios de fixação, etc. Mas isto não significa que só podemos usar o livro didático, pois, também possuímos outros instrumentos que são de grande valia, capazes de ajudar o aluno na construção do conhecimento.

O ensino de geografia, na atualidade, tem-se voltado para uma nova realidade, em que o aluno deve interpretar o que lhe é ensinado para melhor compreender o que passa a sua volta, ou seja, o lugar que ele ocupa dentro do contexto geográfico, e sua relação com as demais áreas do conhecimento.

A integração potencial do texto, imagens e sons num mesmo sistema-interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação. [...] O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de comunicação e interatividade potencial esta mudando e mudará para sempre nossa cultura. (CASTELLS, 1997,p. 698).

Partindo-se do pressuposto de que a contemporaneidade exige por parte do professor inovações no que concerne ao uso dos recursos didáticos e tecnológicos em sala de aula, e no tocante as diferentes transformações sociais, tecnológicas e científicas que a sociedade atual vem passando, entende-se nesse contexto histórico contemporâneo, a necessidade de inserir no ensino de

geografia, novas tecnologias como ferramentas para superar os desafios postos, tanto no que concerne ao ensino, quanto a aprendizagem dos alunos.

3. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma Pesquisa Qualitativo, de caráter exploratório, visando uma maior aproximação com a problemática em questão.

Nestas circunstâncias Richardson (1999) salienta que:

Uma metodologia qualitativa pode descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (p.80).

Esta abordagem possibilita-nos repensar sobre algumas questões que nos inquietam, com convicção de que muitas das questões poderão vir a ser clarificadas a partir de respostas orais, vindas dos próprios sujeitos que, posteriormente, serão submetidas à análise. Estas respostas, provavelmente, irão conduzir a resultados que favorecerão a compreensão da problemática levantada. Esse trabalho de investigação trata-se de um Estudo de Caso que segundo Yin (2001) é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos. Dessa forma, “os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”” (p.23).

O estudo foi realizado junto duas (02) instituições de ensino, sendo uma da rede municipal e outra da rede privada. A instituição escolhida da rede municipal de ensino foi o Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho, localizado no bairro Primavera, Rua: Henrique Pacifico. A instituição escolhida da rede privada foi o Centro Educacional Nossa Senhora da Luz (CENSL), localizado no centro da cidade, na Rua: Doutor Sales. Ambas as instituições estão situadas no município de Guarabira.

A entrevista foi realizada com turmas de 9º (nono) ano do ensino fundamental, em ambos os colégios. A preferência pelos alunos do segundo ciclo aconteceu pelo fato de que, teoricamente, esses adolescentes já estão alfabetizados e têm mais autonomia para responder aos questionários, já que

passam muitas horas conectadas aos recursos tecnológicos e, portanto, eles poderiam expor com mais clareza suas opiniões.

Para realizarmos a pesquisa, inicialmente recolhemos depoimentos dos envolvidos com o ambiente escolar: professores, alunos e demais funcionários.

Os dados foram coletados através de questionários distribuídos entre os alunos e professores, tendo o intuito de obter informações sobre as vivências e concepções que os envolvidos sobre o ensino da geografia e o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem. Dados estes que a seguir apresentamos e analisamos a luz do referencial teórico que embasaram este estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao todo foram entrevistados 66 (sessenta e seis) alunos. Sendo 29 (vinte e nove) da rede municipal, dos quais 14 (quatorze) são do sexo feminino e 15 (quinze) são do sexo masculino. Na rede particular foram entrevistados 37 (trinta e sete) alunos. Destes, 19 (dezenove) são do sexo feminino e 18 (dezoito) do sexo masculino.

Através das respostas observadas nos questionários, tivemos uma noção do que os alunos pensam a respeito do uso das novas tecnologias no ensino. Também pudemos observar como as professoras veem o trabalho com as novas tecnologias em sala de aula, em especial nas aulas de geografia.

A primeira questão do questionário aplicado com os alunos de ambas as escolas indagou sobre a percepção dos alunos com relação ao uso das novas tecnologias em sala de aula por parte de seus professores:

Sua professora de geografia tem o habito de utilizar algum recurso tecnológico em suas aulas?

	SIM	NÃO	ÀS VEZES
ESCOLA MUNICIPAL	60%	0,5%	39,5%
ESCOLA PRIVADA	60%	----	40%

A partir da resposta a essa primeira indagação, pudemos observar que tanto na escola privada quanto na escola pública os alunos percebem o uso de novas tecnologias em sala de aula. O que nos mostra que independente da instituição de ensino, a tecnologia se faz presente como instrumento que o professor pode utilizar como recurso pedagógico em suas aulas.

A segunda indagação de nosso questionário foi a seguinte:

Os recursos tecnológicos utilizados pelo seu professor nas aulas de geografia facilitam o seu aprendizado?

	SIM	NÃO
ESCOLA MUNICIPAL	98%	2%
ESCOLA PRIVADA	95%	5%

O que pudemos perceber com a obtenção desses números é que os alunos de ambas as instituições consideram como importante o uso das ferramentas tecnológicas e que estas podem auxiliar na compreensão dos conteúdos de forma crítica e criativa.

Nossa terceira indagação fala sobre a interação das aulas com as redes sociais:

Você já participou de algum trabalho interativo em grupo de redes sociais, como o Facebook ou Whatsapp, solicitado e orientado por seu/sua professor(a) de geografia?

	SIM	NÃO
ESCOLA MUNICIPAL	10%	90%
ESCOLA PRIVADA	3%	97%

Ao analisar as respostas dos alunos percebemos que interação entre mídia social e cotidiano escolar é praticamente inexistente em ambas as instituições. Na rede pública apenas 10% dos alunos afirmaram ter participado de trabalhos interativos em grupos de redes sociais. Ou seja, 97% dos alunos nunca vivenciaram este tipo de dinâmica. Na rede particular o cenário não foi diferente. Apenas 3% dos alunos admitem ter participado. Enquanto isso, 97% dos alunos garantem nunca ter participado de trabalhos envolvendo as novas mídias digitais. Em conversas informais com esses alunos (de ambas as instituições), eles afirmaram nunca ter participado de trabalhos como esse, admitindo que gostariam de se envolver com esse tipo de atividade, já que os mesmos utilizam as mídias sociais diariamente.

A quarta indagação está relacionada à dinamicidade:

O uso dos recursos tecnológico pelo(a) professor(a) como: exposição de vídeos musicas e documentários ajudam você no aprendizado da disciplina de geografia?

	SIM	NÃO
ESCOLA MUNICIPAL	80%	20%

ESCOLA PRIVADA	100%	-----
-----------------------	------	-------

Ao analisar as respostas obtidas para essa questão, observamos que a tecnologia na sala de aula está relacionada à dinamicidade. A exposição visual de imagens e outros conteúdos permeiam os olhares dos alunos fazendo com que haja a atratividade por parte deles.

Nosso quinto questionamento foi o seguinte:

Você se sente mais motivado quando o professor faz atividades usando os recursos tecnológicos?

	SIM	NÃO
ESCOLA MUNICIPAL	90%	10%
ESCOLA PRIVADA	80%	20%

Ao averiguar as respostas acima, percebemos que a maior parte dos alunos confirma se sentirem mais estimulados quando seus professores fazem uso das tecnologias em suas aulas. A utilização das novas tecnologias é uma realidade no contexto educacional, tornando-se um grande aliado do profissional da educação, como subsidio pedagógico, o que possibilita tornar as aulas mais dinâmicas, atrativas e prazerosas tanto para o professor quanto para o aluno.

Nossa sexta pergunta é sobre a regularidade do uso tecnológico em aula.

Com que frequência seu/sua professor(a) de geografia utiliza os recursos tecnológicos nas aulas?

	SEMPRE UTILIZA	NUNCA UTILIZA	AS VEZES UTILITILIZA
ESCOLA MUNICIPAL	20%	0,5%	79,5%
ESCOLA PRIVADA	35%	0,5%	64,5%

A frequência de acesso das tecnologias na prática docente das duas instituições mostra que a maioria dos alunos reconhece o uso das TIC por parte dos professores, porém esse uso não é constante, o que é lamentável, já que o uso de recursos tecnológicos pode dinamizar as aulas, fazendo com que se obtenha êxito nas atividades trabalhadas e no processo de ensino e aprendizagem.

A sétima pergunta de nosso questionário foi a seguinte:

Que recursos tecnológicos sua professora utiliza mais utiliza para o desenvolvimento de suas aulas?

	TV	PROJETOR	CELULAR	OUTROS
ESCOLA MUNICIPAL	-----	100%	-----	-----
ESCOLA PRIVADA	----	55%	-----	45%

Observando os resultados desta questão é notória a diferenciação das respostas. Na rede municipal de ensino é unânime a opção “projektor” e isso se dá principalmente por falta de equipamentos na instituição. Na rede privada constatamos que duas opções foram assinaladas: “projektor” e “outros”. Essas respostas se consolidaram pelo fato de que cada sala do ensino fundamental II da instituição conta com um projetor e uma lousa interativa por sala de aula, que podem ser usadas quando necessária tanto por alunos quanto por professores.

A oitava pergunta de nosso questionário foi:

Você concorda que o uso dos recursos tecnológicos favorece o maior desempenho das atividades nas aulas de geografia?

	SIM	NÃO
ESCOLA MUNICIPAL	99,5%	0,5%
ESCOLA PRIVADA	100%	---

O uso das novas tecnologias na educação tornou-se indispensável como subsídio técnico-pedagógico e os resultados obtidos nessa questão confirmam isso. Contudo, cabe ao profissional da educação utilizá-la de forma adequada, pois como já dito anteriormente a tecnologia é apenas uma ferramenta e o professor deve adequá-lo ao conteúdo com domínio técnico pedagógico.

Discussão Geral

De acordo com os resultados obtidos através da aplicação dos questionários com os alunos das duas instituições, percebemos que a maioria dos discentes concorda com o uso da tecnologia no contexto escolar, já que estas ferramentas possibilitam, entre outras coisas: a ampliação da sala de aula,

permitindo aos participantes interagir dinamicamente; propicia o desenvolvimento criativo dos alunos além de promover o envolvimento e o compromisso de todos que atuam no processo educacional.

O contato com as mídias digitais pode ultrapassar as paredes da sala de aula, mas mídias digitais podem ampliar o contato institucional e administrativo com seus estudantes e seus pais. Isso aumenta os vínculos entre estudantes e instituição, favorecendo interação e relacionamento.

Contudo, fica claro que é necessário saber elaborar o plano de ensino, para inserir as TICs da melhor forma possível no ambiente escolar. Escolher o momento propício para aplicar na aula, pois é um método complexo, que exige interesse, criatividade e tempo. Porém, os resultados são satisfatórios, já que promove uma harmonia no ambiente escolar, e significativo desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revoluções implicam, por sua própria essência, em transformações sensíveis que reestruturam paradigmas das mais diversas naturezas. A evolução humana é formada por revoluções e a história nos mostra que os indivíduos e organizações que progredem têm sucesso e as que evoluem são aquelas que mais rapidamente se adaptam as mudanças.

Nesse contexto, percebemos que em nenhuma outra época da história da humanidade a velocidade de mudança foi tão rápida. Estamos vivendo um “momento de vertigem” inédito, que requer um grau de adaptabilidade inédito também. A flexibilidade do nosso cérebro permitiu nossa evolução. Nossa adaptabilidade digital com indivíduos permitirá nosso sucesso na era digital.

A atuação do estudo geográfico é muito abrangente e dentre os vários eixos estudados por essa ciência, ela nos permite analisar a realidade vivida. Na atualidade, com os avanços tecnológicos da comunicação, o aprender e o ensinar ganham novas facetas, novos rumos e, conseqüentemente, criam-se barreiras.

Dentre as dificuldades encontradas com relação aos professores, temos a adaptação destes com as tecnologias em sala de aula, pois ainda existem muitos professores resistentes à utilização das TICs. A sociedade sempre estará se modificando e como sendo a tecnologia uma dessas metamorfoses, não temos como fugir dela. A mesma está, e estará, presente na escola.

As discussões que geralmente vemos sobre este assunto dizem respeito à inclusão digital, quais serão os sistemas e equipamentos a serem disponibilizados, e assim por diante. Porém a dificuldade encontrada pelos professores de Geografia, para o desenvolvimento de sua prática com tecnologia oriunda de vários motivos dentre os quais podemos citar: o pouco tempo de duração aula, falta de um Projeto Político-Pedagógico que englobe e incentive atividades com os equipamentos disponíveis nas escolas, falta de qualificação e disponibilidade de um técnico em informática no laboratório das escolas.

Através da pesquisa realizada com os alunos, pudemos observar que a maioria deles é favorável ao uso das novas tecnologias como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa também revelou que as escolas

analisadas possuem alguns recursos tecnológicos importantes como computadores, data show e até lousa digital, mas que precisam ser mais bem explorados em sala de aula por todas as disciplinas, não só em Geografia, como forma de tornar as aulas mais dinâmicas e interativas.

Inovar na metodologia pode fazer com que a aula de Geografia torne-se prazerosa e satisfaça com sucesso os alunos que estão iniciando sua vida estudantil, uma vez que estes alunos fazem uso dos recursos digitais diariamente, em seus cotidianos. Cabe à escola e também aos professores buscar caminhos para inserir de maneira pedagógica tais ferramentas no cotidiano escolar.

Sendo assim, avaliamos como sendo importante a aplicação desses recursos na sala de aula, pois eles poderão contribuir para que os alunos se interessem mais pelos conteúdos, que todas as matérias oferecem, podendo facilitar o entendimento sobre os assuntos das disciplinas. Contribuindo também para o processo de ensino-aprendizagem, garantindo, talvez, uma sala de aula mais dinâmica e participativa, apontando assim para mudanças significativas na prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo (Org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- Castells, Manuel. (1999). **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 3. São Paulo: Paz e terra.
- CORREIA, Edvania Santos. **As mídias no contexto escolar**. Disponível em: <http://www.meuartigo.brasilecola.com/educacao/as-midias-no-contexto-escolar.htm> Acesso em: 19 Dez 2009.
- FREEMAN, Chistopher . *technologie et richesse des nations*, paris: econômica, 1988
- HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10ª edição - São Paulo: JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad.
- LACOSTE, Yves. **A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19ªed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- LESANN, Janine. **Geografia no ensino fundamental I**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.
- LOJKINE, Jean. *A revolução informacional*, São Paulo, CORTES . 1995
- NUNES, Camila Xavier; RIVAS, Carmen Lúcia F. R. *Novas linguagens e práticas interativas no Ensino da Geografia*. In: **Encontro de geógrafos de AméricaLlatina “caminando en una América Latina en transformación**, 12., Montevideo, Uruguay, 2009. **Anais do...** Montevideo, Uruguay, 2009. Disponível em: http://egal2009.easyplanners.info/area03/3107_Figueredo_Razoni_Rivas_Carmen_Lucia.pdf, 2009. Acesso em 08/08/2017.
- SILVA, Marilda Finotti. **O uso do laboratório de informática para uma nova educação**. 2009. Disponível em: <http://www.slideshare.net/cefaprotga/midias-na-educao>. Acesso em 20 de maio de 2015.

STEFANELLO, Ana Clarissa. Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de geografia. Curitiba: Ibpex, 2008, p. 159. (Metodologia do ensino de história e geografia: v.2).

TAHARA, Mizuho. **Mídia**. 8ª ed, São Paulo: Global, 2004, p.11.

TAKAHASHI, Tadao (Org) (2000). **Sociedade da informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia. Disponível em: http://www.inst-informatica.pt/servicos/informacao-e-documentacao/biblioteca-digital/gestao-e-organizacao/BRASIL_livroverdeSI.pdf. Acedido em: 15/10/17.